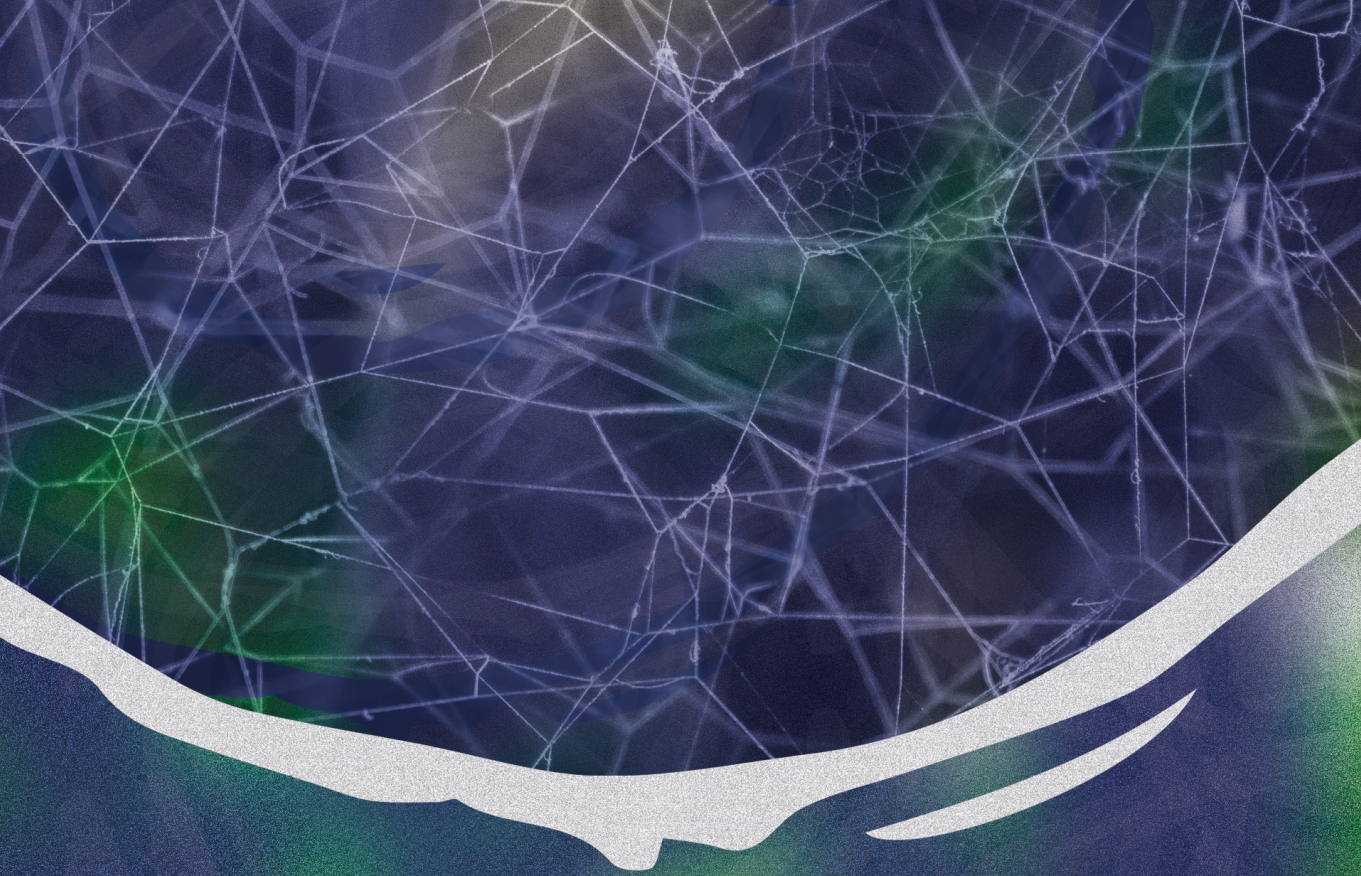


EDITORA
UnB

# ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
## experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

**Universidade de Brasília**

**Reitora** Rozana Reigota Naves
**Vice-Reitor** Márcio Muniz de Farias

EDITORA
**UnB**

**Conselho editorial**
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

# Antropologia-Educação

## Experiência, imaginação e conhecimento

**Alessandro Roberto de Oliveira**
**(organizador)**

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

| | |
|---|---|
| **Coordenação geral** | Thiago Affonso Silva de Almeida |
| **Consultor de produção editorial** | Percio Sávio Romualdo Da Silva |
| **Coordenação de revisão** | Denise Pimenta de Oliveira |
| | Talita Guimarães Sales Ribeiro |
| **Coordenação de design** | Cláudia Barbosa Dias |
| **Revisão** | Gabriela Costa Silva Capuano |
| **Diagramação** | Uilca-Terra R. M. M. Martins |
| **Foto de capa** | General Kenobi, via Pexels.com |

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

*Imagino a vida dos outros.*
*Não é por cobiça.*
*É por vontade que dê certo.*
*O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe*

# Sumário

**Apresentação 11**

**Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13**
Alessandro Roberto de Oliveira

## Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

## Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

## Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

**Parte 4 – Escolas 115**

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

**Antropologia-Educação: algumas considerações 143**
Alessandro Roberto de Oliveira

# Apresentação

**Alessandro Roberto de Oliveira**

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

# Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação

**Alessandro Roberto de Oliveira**

Embora durante muito tempo, e ainda hoje, a Antropologia seja conhecida no senso comum acadêmico como ciência dedicada às sociedades "selvagens" ou "primitivas", povos nativos, culturas distantes do sistema de referência do observador, essa disciplina não se distingue das demais Ciências Sociais e Humanas por um tema ou objeto particular, nem nunca se definiu por tipos de sociedades humanas, configurando-se mais como certo modo de colocar questões a partir de sociedades diferentes daquela de sua própria origem (Lévi-Strauss, 2008). Atualmente, inclusive, uma das frentes de interesse mais dinâmicas e inovadoras desse campo do conhecimento é, por exemplo, a Antropologia da Ciência e da Tecnologia (Latour, 1994), que trata de inúmeros fenômenos típicos das sociedades consideradas "modernas".

A Antropologia também é reconhecida, no meio acadêmico, pelo desenvolvimento de um método de realizar pesquisa identificado como observação participante ou simplesmente etnografia. O método etnográfico foi sistematizado a partir das imersões de diversos pesquisadores em sociedades de diferentes regiões da Terra, como a Melanésia, o Ártico, a África e a Amazônia, no início do século XX. Todavia, o trabalho de Malinowski (2018) entre os trobriandeses é reconhecido como formulador original de uma maneira de realizar pesquisa de campo em Antropologia que se tornou canônica para os seus praticantes. Desde seu advento nos centros originários da disciplina situados no eixo euro-americano até as críticas pós-coloniais contemporâneas do trabalho etnográfico (Carvalho, 2001), esse modo de trabalhar e de colocar questões vem sendo discutido e transformado no interior da história teórica da disciplina, configurando um repertório aberto de questões e problemas continuamente renovados em um movimento espiralado e não linear em que teoria e método não se separam (Peirano, 2006).

Essas duas imagens da disciplina, como ciência dedicada a sociedades fora do mundo ocidental moderno e como donatária de um método de trabalho de campo, garantiram à Antropologia um lugar na divisão social do trabalho científico e acadêmico. Contudo, também produziram relações entre pesquisadores e pesquisados e entre professores e estudantes

que são hoje bastante criticadas tanto do ponto de vista ético e das relações desiguais de poder quanto do ponto de vista pedagógico nas práticas de ensino da matéria.

Desde Malinowski, a Antropologia busca captar o ponto de vista nativo das diferentes culturas com as quais o pesquisador entra em relação pela experiência da pesquisa de campo. Todavia, a perspectiva de estudar e traduzir um "outro" nos termos de determinada cultura hegemônica deu margem a posturas que tomaram pessoas e grupos como "objetos" de pesquisa e produziu teorias exotizantes, gerando falsas hierarquias, que em certa medida legitimaram intelectualmente a violência colonial impetrada por nações europeias contra outras sociedades em diferentes partes do mundo.

Aos poucos, as críticas dos estudos pós-coloniais, subalternos e decoloniais estão ressoando nos fundamentos estruturantes da Antropologia. No cenário brasileiro contemporâneo, por exemplo, a presença de estudantes e intelectuais indígenas e de outras coletividades tradicionalmente estudadas por antropólogos "brancos" tem interpelado o saber antropológico apresentado em palestras e cursos universitários, até recentemente feitos sob suas ausências. Muitos desses estudantes e profissionais também estão se tornando antropólogos e diversificando os horizontes da disciplina (Baniwa, 2023).

As tensões entre pesquisadores e pesquisados é indissociável de outro nexo relacional, aquele entre professores e estudantes. Atuando em universidades, antropólogos passam mais parte do seu tempo em sala de aula do que nos lugares que chamam de "campo", mas, apesar disso, muitos não consideram essa atividade como prática propriamente dita Antropologia. Logo, nas aulas, estudantes aprendem que Antropologia é o que fazemos entre colegas e com outras pessoas em outros lugares, como nas pesquisas etnográficas ou nos congressos da associação profissional, mas não com eles. Situados do lado de fora da "casa de força da construção do conhecimento antropológico tudo o que podem fazer é observar através das janelas aquilo que nossos textos e ensinamentos lhe oferecem" (Ingold, 2015, p. 346).

Se depois de um século de existência da disciplina as pessoas conhecidas como "informantes" ou "nativos" começam a ser admitidas "na casa grande da Antropologia", esse autor argumenta que estudantes permanecem excluídos da produção de conhecimento antropológico. Assim, a inspiração e os *insights* que emergem da interação com elas não são reconhecidos. Essa é uma das consequências graves da divisão entre pesquisa e ensino:

> [...] a epistemologia que constrói o aluno como o mero receptor de conhecimento antropológico produzido em outros lugares – e não como um participante de sua contínua elaboração criativa – é exatamente a mesma que constrói o nativo como um informante. E isso já não é defensável. (Ingold, 2015, p. 346).

Consciente desses problemas, tenho procurado seguir pistas para trilhar outros caminhos de pesquisa e ensino da disciplina. Mais especificamente, de experimentação de perspectivas epistemológicas e pedagógicas renovadas da Antropologia desenvolvidas na interface com o campo da Educação (Gomes; Faria; Bergo, 2019; Ingold, 2010; Lave, 1996; Rocha; Pereira Tosta, 2013; Schweig, 2022, 2020). De um lado, isso significa a adoção de uma postura que

rompe com a percepção das pessoas com quem realizamos pesquisa como fornecedores de dados qualitativos para serem analisados a partir de um corpo teórico externo, que gera estudos *sobre* pessoas, interpretações ou explicações de seus comportamentos e visões de mundo. Trata-se de reafirmar que, ao fazer Antropologia, não tomamos o "outro" como objeto de estudo, mas estudamos *com* as pessoas sobre as condições e as possibilidades da vida. Isso inclui o ensino como prática antropológica e estudantes como participantes dessa prática.

Nesse desenho, o objetivo primordial da Antropologia deixa de ser produzir etnografias sobre os outros, no sentido de documentar a alteridade, e consiste antes em uma prática educacional, tanto nas relações com as pessoas com quem interagimos na observação participante quanto nas relações de ensino-aprendizagem com estudantes. Esse movimento epistêmico no sentido educativo não elimina as diferenças entre os campos da Antropologia e da Educação, mas abre a possibilidade de fertilização cruzada entre essas duas áreas. Se encararmos a Antropologia além de uma disciplina universitária dedicada a produzir explicações sobre o "outro", como uma forma de educação, como cultivo de uma postura aberta a aprender com o mundo, no seu sentido amplo, para além do humano, reconhecendo a presença e a dignidade de outros modos de estar vivo, podemos, quem sabe, encontrar novos caminhos relacionais em seu sentido mais amplo.

No mundo contemporâneo hiper conectado, estamos imersos em uma escala gigantesca de informações. A produção científica, felizmente, nunca esteve tão ativa, apoiada nos aparatos tecnológicos de mensuração de dados, geração de cenários e predição de situações futuras medidas por indicadores e números, tabelas, gráficos e hipóteses. Frequentemente, na universidade, esse conhecimento fixado pela ciência normal opera para suplantar o senso comum e aquilo que as pessoas sabem pelas suas experiências de vida. Nessa chave, as possibilidades imaginativas que estudantes trazem consigo são esmagadas pela racionalidade operacional dos protocolos teórico-metodológicos do fazer científico estabelecido. Ao entrar na universidade, estudantes devem aprender que o que sabem está, via de regra, equivocado.

Diante desse cenário, a tarefa da Antropologia seria "restaurar o equilíbrio, moderar o conhecimento transmitido pela ciência com a sabedoria da experiência e da imaginação" (Ingold, 2019, p. 11). Nesse horizonte, a universidade pode ser vivida como um ponto de encontro entre pessoas vindas de diferentes lugares, realidades, experiências de vida, que continuam e expandem os caminhos começados por seus pais, avós, parentes e amigos; que chegam à universidade com a esperança e o entusiasmo de transformar suas vidas por meio da educação. E nós, professores, podemos aprender muito com esses encontros.

Nessa intenção integrativa, a Antropologia está mais próxima da arte do que da ciência convencional. Como arte de investigação sobre as condições e possibilidades da vida, tem caráter experimental, não no sentido naturalista de experimentos científicos que confrontam ideias e teorias com dados coletados do mundo para testar hipóteses, mas de experimentar ideias e ver aonde elas podem nos levar em termos especulativos (Ingold, 2022).

Inspirado nessa visão da Antropologia e motivado a despertar os sentidos, aguçar a curiosidade pela vida social e afiar as habilidades de observação de estudantes recém-chegadas à

graduação, venho exercitando uma prática de ensino-aprendizagem interessada em criar cenários para que o conhecimento brote de dentro e permita a estudantes verem coisas e fenômenos, estranhos ou familiares, com novos olhos, em um processo de educação da atenção (Ingold, 2010).[1]

Reconvertida ao ensino-aprendizagem da própria disciplina, essa "educação da atenção" nos leva a reposicionar nosso papel como professores, não mais como transmissores de um conjunto pré-fabricado de informações, conceitos e teorias, colocando estudantes no papel de consumidores de um corpo de conhecimentos estabelecidos, esperando deles a absorção desses conteúdos e avaliando sua aprendizagem por respostas previsíveis ao que foi apresentado antes. Esse é o modelo representacional ou cognitivista predominante nas práticas de ensino-aprendizagem escolar e universitária, que vem recebendo críticas de diferentes perspectivas no pensamento pedagógico (Freire, 1987), na neurobiologia (Maturana, 2009), na psicologia da aprendizagem (Kastrup, 2005) e na própria Antropologia (Lave e Wenger, 1991).

Mas como criar táticas e processos pedagógicos capazes de ultrapassar as práticas convencionais de exposição das novas gerações a abstrações do mundo vivido, fazendo-as enfadonhamente repetir a cronologia autorreferencial de fontes acadêmicas autorizadas?

Este livro nasce de uma experimentação diante dessa pergunta. Emerge do desafio de apresentar a Antropologia a estudantes de graduação em Pedagogia e da busca por formas de avaliação da aprendizagem dentro da disciplina para além da "prova" (Sant'Ana, 2014). Para situar essa experiência, é importante contextualizar a disciplina e seu escopo.

## Cenas, histórias: começar pela experiência e pela imaginação

O curso de Antropologia da Educação é uma disciplina obrigatória cursada no primeiro semestre de graduação em Pedagogia, juntamente com as disciplinas de Introdução à Pedagogia, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação e a disciplina de Educação, Comunicação e Tecnologias (UnB, 2018). Seus objetivos, presentes nos planos de ensino, são: *i)* apresentar, discutir e utilizar a abordagem antropológica em relação ao fenômeno da educação; *ii)* conhecer conceitos antropológicos básicos e noções do método e da pesquisa etnográfica; *iii)* utilizar essas noções na reflexão sobre questões educacionais contemporâneas; *iv)* pesquisar situações cotidianas da vivência dos alunos com abordagem antropológica.

A disciplina é tradicionalmente dividida em duas unidades ou blocos. Na primeira parte, apresenta a Antropologia como tradição de discurso científico sobre o "outro", chamando atenção para as transformações do discurso antropológico ao longo do tempo, começando pela crítica ao evolucionismo, centrada na oposição entre as noções de etnocentrismo e relativismo cultural. Nessa primeira parte, também são discutidas questões relativas ao

[1] A ideia de "educação da atenção" é inspirada na Psicologia Ecológica e faz parte de um argumento de Ingold contra a ideia da aprendizagem como resultante da transmissão de representações. O papel das pessoas mais experientes no processo de aprendizagem das novatas é criar contextos e situações nos quais estas possam descobrir por elas mesmas muito do que as mais experientes já sabem, abrindo a possibilidade de um caminho de redescoberta dirigida, mas também de descoberta de novos aspectos desses contextos ou situações.

método de pesquisa antropológica, a técnica e as posturas do pesquisador perante o "outro". A segunda unidade é dedicada a discutir temas contemporâneos que tensionam o convívio dentro de escolas e salas de aula (etnia, nacionalidade, raça, cor, religião, gênero, orientação sexual), chamando atenção para os mecanismos de exclusão presentes no espaço escolar.

Na bibliografia do curso, contamos com um artigo que apresenta uma cena: o relato de uma estudante-professora acerca de sua experiência com crianças da pré-escola na instituição em que trabalhava (Pereira-Tosta, 2011). Em uma reunião com os pequenos, para conversar sobre as festas de encerramento do ano letivo, a professora compartilhou a ideia de realizarem uma encenação da história do nascimento de Cristo. Imediatamente uma criança negra se ofereceu para ser o menino Jesus na encenação e gerou um momento marcante de silêncio entre os participantes daquela conversa.

Para além da discussão teórica da Antropologia sobre alteridade, cultura e identidades que se segue no artigo, semestre após semestre, percebi o poder da descrição dessa cena em aumentar a participação na aula. As pessoas falam, argumentam, trazem outras experiências, notícias, outros dados históricos e tudo o mais para falar do menino negro que se propôs a ser Jesus. Colocam-se no lugar da professora, quase sempre para criticar sua postura atônita diante da candidatura da criança. Mas a cena também descrevia o silêncio e estranhamento por parte da turminha como um todo, o que levanta questões sobre as percepções daquelas crianças, suas referências formativas assimiladas em outros lugares e meios de convívio.

Desde então, essa descrição tem me chamado atenção pela sua força pedagógica. Ela propicia a oportunidade de situar como a perspectiva antropológica pode ser mobilizada para compreender a cena do ponto de vista da cultura, aprofundando os aportes elaborados pela antropóloga no texto. Refletir sobre essa experiência de sala de aula me inspirou a redesenhar a primeira avaliação da disciplina, cujos resultados são, em parte, apresentados nesse livro. Como o escritor português Valter Hugo Mãe, gosto de imaginar a vida dos outros, não por cobiça de tomar seus lugares, mas por vontade que a vida dê certo.

Na intenção de contagiar minhas turmas com este gosto, passei a convidar estudantes de graduação a realizarem exercícios de imaginação antropológica a partir de suas experiências e interesses, convidando-os a exercitarem a criatividade na primeira avaliação do curso. Venho experimentando essa proposta nos últimos seis semestres letivos, entre 2020.1 e 2022.2, na companhia de seis turmas do curso de Pedagogia.[2]

A proposta consiste na seguinte ideia: ao final da primeira unidade, convido os estudantes à elaboração de um breve ensaio sintetizando os aprendizados e refletindo sobre os temas estudados na primeira parte da disciplina. Denomino ensaio um tipo de texto em que se expõem ideias e impressões do(a) autor(a) sobre determinado assunto, tecendo um diálogo referenciado – isto é, considerando o que outras pessoas também dizem sobre o

[2] Por uma coincidência amarga, o experimento começou no ano em que as nossas atividades presenciais na universidade foram suspensas em razão da pandemia. Esse foi um período difícil, sobretudo para estudantes que nunca haviam pisado na UnB e tinham de lidar com toda sorte de dificuldades para manter a saúde física e mental para continuar acompanhando as disciplinas online.

tema em questão. Trata-se de um gênero discursivo argumentativo e expositivo que busca refletir criticamente sem renunciar à subjetividade de quem escreve.

Após esse comando, apresento uma sugestão criativa para que a estudante comece o texto a partir da descrição de uma cena ou situação que tenha a ver com Educação para desenvolver suas ideias. Pode ser uma experiência pessoal, uma história que a pessoa conhece, uma cena inventada, uma referência do cinema, da literatura, da música ou de uma série de *streaming* ou TV que a pessoa julgue interessante. O importante é que ela descreva essa cena ou situação com a riqueza de detalhes que considere significativos para *sua* reflexão antropológica sobre educação, estabelecendo um diálogo com a bibliografia básica e/ou complementar, as aulas e outros recursos disponibilizados ao longo do caminho.

A inspiração para essa proposta vem de duas referências. A primeira é o clássico "A imaginação sociológica" (Mills, 1975) e sua promessa: permitir que as pessoas compreendam a história, suas biografias e as relações entre elas, desenvolvendo a habilidade de passar de uma perspectiva à outra, da psicológica à política, da cena familiar ao quadro cultural mais amplo, das estruturas mais impessoais às caraterísticas íntimas dos seres humanos e perceber as relações entre elas. Identificar como inquietações pessoais produzidas em ambientes de pequena escala, uma trajetória familiar, uma sala de aula, uma escola, se entrelaçam para formar estruturas mais amplas da vida social e da cultura em determinado momento histórico.

A outra inspiração é a obra de Gregory Bateson (1972), antropólogo que dedicou sua vida ao estudo de fenômenos muito diversos, dentre eles a aprendizagem, e foi um crítico do modelo escolar de sua época. Para Bateson, o sistema universitário deveria ensinar a raciocinar, no sentido de estimular abduções, base da criatividade mental, e proporcionar instrumentos para as pessoas aprenderem a desenvolver inferências abdutivas. Dentre os exemplos de abduções, indicava a metáfora, o sonho, a parábola, a poesia, o totemismo.

Essas duas referências me levaram a instigar estudantes à busca pelas ligações entre fenômenos, em um experimento que nem eu nem eles sabíamos aonde poderíamos chegar. Com essa proposta, eu pretendo estimular que cada estudante elabore o seu processo de aprendizagem considerando todas as dimensões que o constituem como pessoa, em um processo dinâmico de auto-organização (Bateson, 1972). Nessa linha, esse experimento soma-se a esforços de promover experiências educacionais que questionam o modelo representacional ou cognitivista nas práticas de ensino e buscam uma aprendizagem inventiva (Kastrup, 2005).[3]

[3] Vinda da Psicologia da Cognição, Vírginia Kastrup produz uma discussão sobre ensino-aprendizagem inspirada em Deleuze e Guattari e em ressonância com Varela e Maturana. Ela identifica duas políticas distintas na educação. Uma é a política da recognição, na qual prevalece a concepção de um mundo preexistente e do conhecimento como representação. Aprender é obter um saber, atem-se às formas prontas e à aquisição de informações; a aprendizagem é a solução de problemas preexistentes colocados pelo professor. A outra é uma política inventiva, a prática cognitiva é vista pela perspectiva da invenção. Nessa linha, a aprendizagem é um processo simultâneo de invenção de si e do próprio mundo. O que Kastrup denomina de aprendizagem inventiva exercita a criação de problematizações e não a solução de problemas. O desafio dessa política é conceber práticas que tornem possíveis a abertura da atenção às experiências não recognitivas e aos processos de invenção de problemas sem a necessidade de determinar soluções finalistas para o que é levantado.

Essa proposta vem encontrando diferentes reações por parte de estudantes. Uma estudante chegou a dizer que sentiu dificuldade diante de tanta liberdade! De qualquer forma, posso dizer que os relatos de entusiasmo, mesmo em meio a dificuldades, chegam em maior número. Nesse caminho, os ensaios gerados nos dois semestres de 2020 foram relidos com um pequeno grupo de estudantes em um componente curricular de Projeto 3.1, nomeado de Etnografia e Educação, em 2021. Neste ciclo, ainda atordoado pela pandemia, fizemos algumas discussões *a partir* desses escritos e levamos adiante as inquietações, experiências e discussões que as narrativas suscitavam para conversarmos sobre a educação. WPedi aos estudantes deste ciclo que elegessem os textos que mais lhes chamaram atenção para os nossos encontros. Nessas novas conversas, ficou claro como elementos trazidos pelos ensaios nos levavam a rememorar experiências, imaginar encaminhamentos e compartilhar conhecimentos sobre o assunto abordado em cada ensaio.

No fim das contas, ao longo desse percurso, reuni 174 ensaios. Destes, selecionei aqueles identificados como mais estimulantes pelos estudantes de Projeto 3 e busquei um equilíbrio de representatividade entre os semestres e os gêneros narrativos, reunindo 28 ensaios. Isso significa que muitos outros ótimos ensaios poderiam estar neste apanhado. O que os leitores vão encontrar aqui é o resultado de um fluxo contingente de leituras e escolhas. Algumas estudantes que têm seus textos nessa coletânea não estão mais na UnB, outras mudaram de curso, mas a maioria segue seus percursos formativos na Pedagogia, algumas delas já na reta final da graduação, outras recém-chegadas no último semestre letivo de 2022, que só terminou neste ano de 2023.

Esta é a história desse livro. Todos os semestres, lançamos nosso barco rumo a um mundo não formado, ao imprevisível, mas mantenho a consciência de meu papel como timoneiro e a responsabilidade de governo da embarcação. Essa experiência tem permitido a redescoberta dirigida da Antropologia e nos levado a descobrir novas possibilidades de olhar para a Antropologia, para a Educação e para a vida.

Antes de passar aos ensaios, considero importante situar brevemente alguns pontos de nossos percursos, do que lemos ao que assistimos, e o que conversamos no fluxo da primeira unidade da disciplina. Esse esboço deve oferecer alguns elementos para a leitura situada dos textos, permitindo identificar as possibilidades e limites de escopo dos diálogos construídos pelos estudantes.

## O percurso

Começamos o curso com uma roda de conversa guiada por três perguntas: o nome da pessoa, o que ela gosta de fazer (peço e ofereço dicas de séries/filmes e *podcasts*) e pergunto a que remete a palavra “Antropologia” para cada um(a). Esse tem sido um ótimo jeito de quebrar o gelo, identificar gostos e estilos de vida, além de propiciar entrosamento entre nós e das calouras entre si. No que tange à Antropologia, aparece de tudo: gente que não faz ideia do que a palavra signifique, gente que corre no celular e solta “a ciência do

homem", gente que teve experiência prévia na disciplina com professores do ensino médio, estudantes que vêm de outros cursos ou estão refazendo o curso e já tiveram contato com a matéria, há também aqueles que arriscam uma definição própria como estudo da pré-história da humanidade, das civilizações ou da cultura.

Esse é ponto de partida. Em seguida, apresento o programa do curso, seus objetivos, a metodologia, os recursos didáticos utilizados e as leituras sugeridas. Esse movimento apoia-se na compreensão de que toda bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora: a de despertar naqueles a quem ela se endereça o desejo e o desafio de aprofundar conhecimentos em uma perspectiva crítica (Freire, 1981). Nesse espírito freireano, argumento com as turmas que o ato de estudar é uma atitude frente ao mundo e não apenas uma relação de consumo de ideias presentes nos textos, mas uma prática de criá-las.

Outra inspiração é a filosofia de Espinosa. Encaro a tarefa de educar, no seu sentido de "colocar para fora" e "pôr no mundo" as potências próprias de cada um, como atividade de criar as condições para os encontros alegres, aqueles que aumentam a nossa potência de pensar e de agir, provendo leituras, encontros, conversas, filmes e músicas que possam abrir caminho para que cada pessoa coloque-se para fora, desenvolvendo uma sintonia fina com as próprias sensibilidades, incentivando o encontro de caminhos próprios e, por isso, distintos dos meus (Merçon, 2020).

Na promoção desse espírito, na primeira unidade do curso, percorremos um conjunto de discussões em sete encontros. Começamos com uma aproximação dos significados da Educação, combinando o documentário *Human* (2015), e a leitura de algumas páginas introdutórias de *O que é Educação*, de Brandão (1985).[4]

No trecho selecionado do documentário, de aproximadamente nove minutos, sete pessoas, de diferentes idades, gêneros e países falam sobre as suas relações com a educação. No texto, o autor parte da história de uma carta escrita por indígenas americanos recusando a educação oferecida pelos colonizadores para discutir como diferentes culturas têm concepções diferentes de educação. Destacamos alguns argumentos do autor, dentre eles, o de que ninguém escapa da educação e que não há uma forma única nem um modelo ou um lugar único em que ela acontece. A educação existe nos mundos sociais, da família ou bairro, da comunidade religiosa à escola, perpassando a vida e criando tipos de gentes e sociedades (Brandão, 1985).

No encontro seguinte, dialogamos com uma definição contemporânea de Antropologia. Em vez de começar remontando-se à origem dos humanos ou à cronologia histórica da disciplina,

[4] A produção em três volumes foi produzida pelo cineasta e artista Yann Arthus-Bertrand e interroga o que nos torna humanos a partir de uma coleção de histórias de vida reais de 2 mil mulheres e homens em 60 países do mundo. O volume 3 trata dos temas da felicidade, da educação, da deficiência, da corrupção e do sentido da vida. Os três vídeos podem ser acessados livremente. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC4mGRD3WLYVVc4JI5LrXxUw. Acesso em: 9 jun. 2023. O texto é o clássico "Educação? Educações: aprender com o índio", de Carlos Rodrigues Brandão (1985).

começando pelo evolucionismo cultural no final do século XIX, para apontar seus equívocos, iniciamos pelo presente, na visão de um dos principais antropólogos do nosso tempo.[5]

O texto "Sobre levar os outros a sério" (Ingold, 2019) coloca uma série de questões fundamentais que nos acompanham ao longo do caminho. Ele dá acesso a uma proposta atual e instigante sobre a disciplina e permite um manejo da história teórica da Antropologia que escapa do tempo linear, propiciando o recurso a ferramentas narrativas comuns no cinema e na literatura, como o *flashback* e o *flashforward* (Campos, 2016).[6]

Nesse momento repercutimos as ideias iniciais sobre o que é Antropologia e retomamos como a disciplina reivindicou historicamente o domínio científico sobre determinados conceitos como o conceito científico de "cultura". Entramos em diálogo com o autor, sua visão pessoal sobre o que é a Antropologia e seus fundamentos, a observação participante e a etnografia, questões éticas e epistemológicas da relação dos antropólogos com as pessoas com quem decidem realizar seus estudos. Seguindo as ideias de Ingold, terminamos especulando sobre ontologia, a partir da história da conversa entre um antropólogo e um ancião do povo Ojibwa, habitante do norte do Canadá, sobre a possibilidade de algumas pedras serem vivas, isto é, participarem da vida. Esse exercício abre espaço para uma das características fundamentais da Antropologia, o exercício comparativo, que nos devolve as questões que colocamos aos outros. Se parece absurdo um povo acreditar na vida das pedras, no que nós acreditamos?[7]

No terceiro encontro, nos dedicamos ao conceito de cultura e sua relação com a educação. Começamos por aproximações dos sentidos que podemos dar à palavra "cultura", seu significado etimológico, sua gênese social e histórica nas línguas francesa e alemã, a invenção do conceito científico na Antropologia e as possibilidades dessa noção para compreender a vida e a educação (Brandão, 2002; Cuche, 1999; Laraia, 2007; Santos, 1994). Transitamos pelas relações entre natureza e cultura, pela noção de pessoa, tratando das dimensões materiais e imateriais da nossa cultura, as relações entre cultura e identidade e as diferentes maneiras como a cultura estrutura as relações humanas entre si e com os outros

[5] Em um vídeo curto publicado no Facebook, Tim Ingold, professor emérito da Universidade de Aberdeen, na Escócia, fala sobre sua visão a respeito do que é Antropologia e por que o mundo precisa dela. Ingold define a Antropologia como uma prática de investigação generosa, infindável, comparativa e crítica sobre as condições e possibilidades da vida humana no mundo em que todos vivemos. Disponível em: https://www.facebook.com/jantropologia/videos/339.264.9950744973/. Acesso em: 9 jun. 2023

[6] Na teoria narrativa do cinema, de acordo com Campos (2016), o *flashback* é a exibição de algo que ocorreu antes do que está sendo apresentado, revertendo a progressão da história. Este recurso liga o momento presente da narrativa por relação conceitual do narrador a uma motivação, lembrança, associação de ideias com eventos anteriores. Já o recurso de *flashforward* consiste na exibição de algo que vai ocorrer adiante do que está sendo apresentado.

[7] Este exercício já nos permitiu especularmos sobre como nós somos, de certa maneira, produtos da história material do mundo, um reagrupamento de átomos presentes na Terra, como as pedras, e como voltamos a compor a terra depois que morremos e somos enterrados ou cremados de acordo com as crenças de cada grupo social de pertencimento. Desse ângulo, a proposição Objiwa deixa de parecer absurda, ou ao menos as nossas concepções passam por uma revisão a partir desse descolamento imaginativo.

seres vivos. Esse diálogo sobre os diferentes significados da cultura é realizado por meio de um exercício coletivo de mapeamento conceitual com base no texto de Santos (1994).

O quarto encontro é dedicado a conhecer o método de trabalho da Antropologia. Nesse momento dialogamos sobre as dimensões epistêmica, metodológica e ética da observação participante e da etnografia (Cardoso de Oliveira, 1996; Ingold, 2016; Peirano, 2014). Para essa aula, recorremos, de um lado, ao texto de Roberto Cardoso de Oliveira sobre as faculdades do olhar, do ouvir e do escrever no trabalho antropológico. Esse artigo aborda a natureza epistemológica dessas faculdades do entendimento humano, consideradas familiares e triviais, mas que ganham um sentido particular na produção de conhecimento nas Ciências Sociais e na Antropologia. De outro, estudantes assistem ao documentário *Estranhos no exterior: fora da varanda*, de Bronislaw Malinowski (1986), que situa a invenção do método etnográfico na história da disciplina.[8]

Recuperamos os fundamentos da observação participante e realizamos um debate sobre o que é etnografia para os antropólogos e como ela é (pode ou deveria ser) apropriada por pesquisas na Educação, alertando para os riscos do subjetivismo e da parcialidade presentes em relatos e descrições dissociadas de teoria, do objetivismo e da arrogância analítica presentes nas interpretações enrijecidas e afastadas do mundo vivido.

A etnografia ganhou popularidade na área da Educação a partir dos anos 1980 por fornecer uma entrada qualitativa para observar as dinâmicas de sala de aula e as relações cotidianas no ambiente da escola, dando dimensão àquilo que foi nomeado como cultura escolar ou a escola como espaço sociocultural (Dayrell, 1996). Contudo, a etnografia tende a ser considerada estritamente como um método em pesquisas da área de Educação, gerando usos e apropriações superficiais e equivocados do método etnográfico que já foram alvo de críticas por parte de antropólogos (Fonseca, 1999; Oliveira, 2013; Valente, 1996).

Embora seja objeto de reflexão permanente no interior da comunidade antropológica, com posições que pretendem integrar (Lévi-Strauss, 2008) ou diferenciar Antropologia e Etnografia (Ingold, 2016), permanece um consenso no meio antropológico de que a etnografia não se reduz a um método, sendo mais bem compreendida como um enfoque ou uma perspectiva em que teoria e metodologia são indissociáveis.

O quinto movimento do percurso formativo converte a perspectiva da Antropologia para um dos temas centrais para a Pedagogia: as crianças e as infâncias. Nossa interlocução aqui se dá a partir do trabalho de Clarice Cohn (2013), em que a autora apresenta um panorama da Antropologia da Criança no Brasil, situando pesquisas de caráter etnográfico realizadas com povos indígenas, em contextos judiciais, hospitalares, nas escolas e com crianças em situação de rua. Nesses diversos cenários, emergem diferentes concepções de infância que interpelam qualquer definição universalizante. Contamos também com uma leitura complementar sugerida

[8] O vídeo é parte de uma série televisiva "Strangers Abroad", produzida pelo Royal Anthropological Institute nos anos 1980. São seis episódios, com duração média de 50 minutos cada um, que tratam das experiências e trajetórias acadêmicas de antropólogos considerados clássicos da disciplina. O volume 4 é dedicado a Malinowski. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qn_gLroH3bQ. Acesso em: 9 jun. 2023.

de um trabalho de Marcel Mauss (2010) sobre a sociologia da infância, em que o antropólogo francês estabelece um diálogo crítico com posições de Piaget. Somam-se a essas referências exemplos mais recentes de antropólogas que vêm realizando Antropologia com crianças.[9]

No sexto movimento, exercitamos a perspectiva comparativa em Antropologia, ao passo que refletimos sobre infâncias, cognição, aprendizagem e cultura (Lave, 2015) em dois contextos comunitários no Brasil (Tassinari, 2015). Nesse exercício, relativizamos teorias psicopedagógicas sobre o desenvolvimento humano, outro tópico importante na Pedagogia. No exercício coletivo, estendemos a comparação entre as realidades de agricultores familiares da região sul e famílias indígenas da região norte para as realidades vivenciadas por nós mesmos com crianças ao nosso redor. Finalmente, o sétimo movimento é a produção dos ensaios.

## Os ensaios

Os escritos aqui reunidos têm duas características que nos fazem acreditar no seu potencial como recurso didático. A primeira delas é pragmática: são ensaios curtos que podem ser trabalhados em sala de aula para chamar a atenção para determinados assuntos. Nesse sentido, os textos aqui reunidos podem ser lidos individual ou coletivamente, em pequenos grupos, ou mesmo colocados uns em relação aos outros de maneira dinâmica e indutiva da imaginação especulativa para refletir sobre as múltiplas dimensões da Educação e da cultura nas vidas das pessoas durante o período de uma aula.

A segunda tem a ver com suas autorias: são textos escritos por jovens estudantes quando estão ingressando na universidade. Logo, essas escritas trazem elementos, referências, histórias e reflexões que podem prover um canal de diálogo horizontal com outros estudantes leitores desses escritos, funcionando didaticamente como temas geradores nas estratégias pedagógicas mediadas por professores.

### Referências

BANIWA, Gersem. *Intelectuais indígenas abraçam a antropologia. Ela ainda será a mesma?* Um debate necessário. Anuário Antropológico, v.48, n.1, p. 45-52, 28 abr. 2023.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind.* London: Chandler publications, 1972.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Educação? Educações: aprender com o índio". *In:* BRANDÃO, Carlos R. *O que é Educação.* 18ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 7-12.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver. *In:* BRANDÃO, Carlos R. *A Educação como Cultura.* Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002, p.11-28.

[9] Um exemplo criativo de experiências de ensino-aprendizagem de Antropologia com crianças é o projeto de extensão desenvolvido por Valeria Martins, da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: https://poeticasdaterra.org/projetos/Antropologia-com-criancas/. Acesso em: 09 jun. 2023

CAMPOS, Flávio de. *Roteiro de cinema e televisão:* a arte e técnica de imaginar perceber e narrar uma história. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do Antropólogo:* olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, v. 39, n. 1, p. 13-37, 6 jun. 1996.

CARVALHO, José Jorge de. *O olhar etnográfico e a voz subalterna.* Horizontes Antropológicos, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001.

COHN, Clarice. *Concepções de infância e infâncias:* Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 13, n. 2, p. 221-244, 3 jul. 2013.

CUCHE, Dennys. *A noção de cultura nas ciências sociais.* Bauru: Edusc, 1999.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura.* Belo Horizonte: UFMG Editora, 1996.

ESTRANHOS NO EXTERIOR: de fora da varanda – Malinowski. Direção: André Singer. Produção: André Singler. Inglaterra: Royal Anthropological Institute, 1986. *Online* (53min) Disponível em: https://youtu.be/Qn_gLroH3bQ?t=1. Acesso em: 26 jun. 2023.

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso não é um caso:* pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 10, p. 58-78, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. *In:* FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOMES, Ana Maria Rabello; FARIA, Eliene Lopes; BERGO, Renata Silva. *Aprendizagem na/da etnografia*: reflexões conceitual-metodológicas a partir de dois casos bem brasileiros. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 28, n. 56, p. 116-135, set./dez. 2019.

HUMAN. Direção: Yann Arthus-Bertrand. Produção Humankind Production. França: Paname Distribution, 2015. Online (1h33min) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RVWwGak3nQY. Acesso em: 26 jun. 2023.

INGOLD, Tim. *Da transmissão de representações à educação da atenção.* Educação, v. 33, n. 1, 2010. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777. Acesso em: 25 jun. 2023.

INGOLD, Tim. *Estar vivo:* ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Chega de etnografia!* A educação da atenção como propósito da antropologia. Educação, v. 39, n. 3, p. 404-411, 22 dez. 2016.

INGOLD, Tim. *Antropologia:* para que serve? Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. *Fazer:* antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KASTRUP, Virginia. *Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre.* Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set. 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura:* um conceito antropológico. 21. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LAVE, Jean. *Aprendizagem como/na prática.* Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, V. 21, n. 44, p. 37-47, jul. 2015.

LAVE, Jean. *Teaching as learning, in practice*. Mind, Culture and Activity, v. 3, n. 3, p. 149-164, 1996.

LAVE, Jean.; WENGER, Etienne. *Situated learning:* Legitimate peripheral participation. New York: Cambridge University Press, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino. *In*: LÉVI-STRAUSS. *Antropologia Estrutural.* São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 367-405

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental:* um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MAUSS, Marcel. *Três observações sobre a sociologia da infância.* Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3, p. 237-244, Dec. 2010.

MERÇON, Juliana. *Interculturalidade, natureza e educação.* 1ª ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

MILLS, Charles W. *A imaginação sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1975.

OLIVEIRA, Amurabi. *Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação?* Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 69-81, jul./dez. 2013

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA-TOSTA, Sandra. *Antropologia e educação:* culturas e identidades na escola. MAGIS – Revista Internacional de Investigación en Educación, v. 3, n. 6, p. 413-432, jan. 2011.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. *Antropologia & educação.* 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANT`ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar? Como avaliar?* Critérios e instrumentos. 17a ed. Vozes, 2014.

SANTOS, José Luiz. *O que é Cultura.* 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCHWEIG, Graziele Ramos. *Etnografia, colaboração e experimentação*: apropriações e interferências entre ensino e pesquisa. Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia, v. 54, n. 3, 3 nov. 2022. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/54929/33141. Acesso em: 5 maio 2023.

SCHWEIG, Graziele Ramos. *A narrativa de ficção e o ensino de Ciências Sociais*. Educar em Revista, v. 36, 20 jul. 2020.

TASSINARI, Antonella. *Produzindo corpos ativos*: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares. Horizontes Antropológicos, v. 21, n. 44, p. 141-172, dez. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia – PPPC*, Faculdade de Educação. Brasília/DF, 2018.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. *Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional*. Pro-Posições, Campinas, v. 7, n. 20, p. 54-64, 1996. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644228. Acesso em: 25 jun. 2023.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
## experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO